



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 438 Preço 1\$0
24 DE DEZEMBRO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Africa

Desde que regressámos, já são várias as vezes que encontro sobre a secretária páginas de jornal com assuntos ultramarinos.

É o Júlio. É o Senhor Correspondente de alguns dos nossos diários, que destaca dos seus jornais o pouco que eles dedicam ao Ultramar e mo oferece, para minha actualização.

Mal ele sabe quanto este gesto corresponde a um gosto antigo! Naquela idade em que a gente desperta para o interesse do social, o estudantinho que eu era não perdia letra de páginas semelhantes, publicadas nos semanários e revistas que, então, eu tinha bem mais tempo para ler.

Não admira que esse gosto antigo fosse amadurecendo com a idade. Menos admira que ele seja hoje mais intenso do que nunca, porquanto as notícias me falam de algo que já vi, ou estou em condições de imaginar com mais aproximação à realidade.

Ora é pena que os grandes jornais digam tão pouco do nosso Ultramar. Que até agora, tenham limitado quase ao anedótico, o noticiário que de lá nos dão. Foi uma queixa ouvida algumas vezes durante a nossa viagem: «Os jornais metropolitanos só falam do Ultramar, quando um leão mata um caçador...» E logo acrescentavam de quantos, com longos anos de Africa, nunca viram uma fera, a não ser no Jardim Zoológico. Eu também não vi mais do que uns alegres macaquitos durante aqueles dois meses em que atravessámos de norte a sul, algumas vezes de carro, Angola e Moçambique.

Estas presenças esporádicas sobre um fundo de ausência de informação, (sobretudo dos problemas, ainda mais do que os factos) deformam a mentalidade do metropolitano que jamais pisou terra africana. É pena e é mal. É mal, porque nós temos de viver intensamente tudo o que respeita ao nosso Ultramar. Ouve-se dizer frequentemente que Angola ou Moçambique (como Macau ou Timor... e o resto) são tão Portugal como o Minho ou as Beiras. Eu digo que são ainda mais Portugal do que o Minho ou as Beiras, enquanto a sobrevivência económica da Família portuguesa, agora em número superior a nove milhões, tem incomparavelmente mais condições lá do que cá.

E mal ainda, enquanto resistência à graça das facilidades actuais. Com efeito, Africa está hoje mais perto de nós. As distâncias (foi lá ainda, que ouvi este pensamento) já se não medem em quilómetros, mas em dinheiro. É mais rápido — e mais cómodo — dar um salto a Lourenço Marques, do que ir de Faro a Bragança. O único obstáculo é o preço; mais nenhum. A verdade é que esta aproximação agrava a responsabilidade da nossa ignorância ou da desfocagem que torna fabuloso um conhecimento que deve ser simples e objectivo. Quantos inéxitos entre os que por lá não têm triunfado não são devidos justamente ao desacerto entre o real e a miragem, que a falta de preparação deixou formar!

Será, talvez, um favor que ficaremos a dever a todas estas vozes que nesta hora gritam a respeito de Portugal africano: o acordar da consciência nacional para um bem que não foi ainda estimado como é digno.

E Africa, por todos os motivos — históricos e presentes, espirituais e materiais — é tão apaixonante para nós!

★ BELEM ★

Sempre que surgem visitantes em Belém, logo se fica à espera da pergunta que nunca falha:

— Que fundos tem a Obra? Conta com a ajuda de algum benemérito rico? Pelo menos deve ter participação do Estado...

A resposta é sempre a mes-

ma: Não, a Obra não tem fundos, não se firma na ajuda de qualquer benemérito endinheirado e nem sequer tem participação do Estado.

Sabemos como as coisas se passaram por duas vezes, quando Jesus quis alimentar a multidão que O acompanhava a lugares desertos, desejosa de

conhecer a verdade e o caminho da salvação. O Senhor quis que primeiro lhe apresentassem o pouco alimentado que havia: Alguns pães e peixes. Então Ele os abençoou e nada mais foi necessário para que todo o povo comesse até à saciedade.

Com «Belém», aconteceu coisa semelhante. Pôs-se à disposição do Senhor tudo quanto havia em nossa mão — o que era um quase nada. Ele, por que queria a Obra, abençoou e multiplicou. Não quisesse Ele e nada se fazia, visto não haver nem fundos, nem grande benemérito, nem participação do Estado.

Esta a grande garantia, para as Obras que nascem do nada: só terem possibilidades de existência quando Deus as quer. Por serem obras de Deus, só de Deus dependem. Quem nelas trabalha não corre o risco de viver na ilusão de pensar que são de Deus e, afinal, serem dos homens. Há por vezes quem prefira conservar-se na ilusão e isso é que é de lamentar.

O «milagre de Belém» como lhe tenho ouvido chamar, começou como o da multiplicação dos pães, mas a multiplicação tem-na Deus conseguido por outra forma. É que são diferentes as circunstâncias em que este se realiza.

Aquela gente que seguiu Jesus até ao lugar deserto, deixando a casa e os haveres por causa do Reino de Deus, bem necessitada estava de que o Mestre lhe desse por acréscimo o alimento necessário ao corpo. Estando todos em igualdade de circunstâncias, não podiam socorrer-se uns aos outros.

Mas com Belém o caso é diferente. A obra não se encontra num deserto, isolada do convívio dos homens. Como poderia isso ser se ela nasceu precisamente para o homem e por causa do homem? Nasceu cá em baixo, no grande vale onde uns riem, outros choram, uns gozam, outros sofrem. Nasceu cá em baixo, mas para ajudar a subir para o Alto ricos e pobres, felizes e infelizes. Porque, se na prática da

Natal

Hoje é Natal. A consuada primeiro; depois na Missa do galo — estamos presentes todos. Todos. Toda a Família. Uns ali; outros a dezenas ou centenas de quilómetros; outros, ainda, a milhares de milhas... Não importa. Um só é Aquele cujo nascimento celebramos. NEle, por Ele, a todos os homens que quisessem renascer, foi oferecido acesso à Família de Deus. A Festa do Seu nascimento é a do nosso renascimento. Portanto não admira que esse dia os homens se sintam tão irmanados; tão singularmente capazes de cantar em uníssono a Paz dos seus corações e as glórias ao Senhor da Paz!

Ele está acima; não depende do tempo ou da distância. Ontem, houve outros homens. Amanhã, outros não-de nascer. Ontem, hoje e amanhã, Ele é. E todos os que quiserem renascer, em

qualquer tempo ou de qualquer lugar, hão-de encontrar-se nEle, pois só por Ele há renascimento.

Fora, o tempo passa até ao dia que só Ele sabe. NEle, para os que renasceram por Ele e aí vivem — para esses, o tempo já não corre nem conta.

Menos importa a distância que hoje separa os homens entre si. Eles convivem em Cristo, no Coração do mesmo Cristo, e aí, só aí, é possível o encontro de todos os homens — os de ontem, os de hoje, esperando os de amanhã — eles, também, independentes já do tempo e da distância.

Só o mistério de Jesus explica o mistério da presença uns aos outros de todos os da Família, apesar da distância que nos separa e do tempo que, sensivelmente, nos separou.

E assim, hoje, dia de Natal, primeiro à consuada, depois na Missa do galo em cada dos nossos Altares, estaremos todos, todos sem excepção: os Doentes do Calvário; os Rapazes; os já casados com todos os Seus; os Padres; as Senhoras; os que alguma vez foram de cá; os de

Africa, da Índia, de Inglaterra e do Brasil; aqueles que o Senhor chamou; Pai Américo no centro da grande reunião familiar; todos os Amigos, mais pertinho aqueles que choram as nossas lágrimas e riem os nossos risos; todos os filhos de Deus — que certo dia nascemos e neste renascemos, por Ele, com Ele, para vivermos e nos encontrarmos nEle, por sobre o tempo e a distância.

É assim a nossa Festa. Visíveis uns para os outros — poucos, só alguns... Invisíveis, pelo tempo ou pela distância — um número imenso. Todos somos presentes e nos apresentamos ao Menino celebrado pela mesma prece que a Mãe Igreja reza:

«Que a tua misericórdia, Senhor, seja connosco,

Que não esperamos em mais ninguém senão em Ti».

«Pelos irmãos ausentes... Meu Deus, salva-os todos, Todos os que esperam em Ti».

«Pelos irmãos que nos levaste...

Senhor, guarda-os na Tua Paz».

ento desta
entirá con-
io com os
ear a nos-
mos que
se mesmo
ia, porque
sa à custa
? Quem?
elhor, por-
e satis-

os, fazer
sacrifício,
a noite de
necessitados
ho da sua
lo menos,
tam tanta

chamados
estas al-
seus lares
a miséria
nada lhes
falta, não
a mão à

s que ter
s também
donativo
que seja
lias mais
e se lem-
esandar e

porque já
er de nós
entamente
es.
igos, dou
do Céu
de vários
o da po-
ram até
s que 4

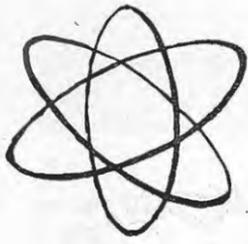
ales não
os outros
um para
ntro para
u menos
que era
foi para
a prenda
chale.
as lágr-
zendo-me
inha me
vai ficar

mos 100\$
a, e que
que ne-
doente
tem que
os que

tiverdes
as muito
so acons-
pobres

mo aliás
menos, o
a nossa
enhórios.
r F. V.
nas 40\$.
Nova-
\$, mais
E para
os dos

do Dias



FACETAS DE UMA VIDA

Eu torno a lembrar ao leitor a vantagem de ler, após publicação completa, cada uma destas longas cartas doutrinais de Pai Américo, que nós temos de dar à estampa aos pedacitos, por força das exigências do espaço.

São documentos de muito interesse, que o revelam cheio de ânsia de vida e comunicação espiritual, nu-

ma data pouco distante ainda dos primeiros passos na formação sacerdotal.

Esta carta é, como a anterior, de Novembro de 1926.

Quando chegar aí «O Santuário de Montanha», saído agora dos prelos, compre e leia. Interessa-lhe por ser obra de Gomes Tei-

xeira, sábio de reputação feita, por tratar das suas digressões pelos Alpes, Suíça, etc. nos seus tempos de idade mais própria, (ele hoje tem uns 80) e ainda porque o autor ama muito a Deus e a Natureza e é um católico praticante. Se aí não aparecer, diga-o, que eu mando daqui.

E para não perder o tempo, visto que tinha de lhe escrever a pedir o X da assinatura inclusa, vamos aqui fazer duas breves considerações sobre uma coisa que ocupa o ânimo de toda a gente mediocramente ilustrada: *O Ideal*.

O que vem a ser o Ideal? É difícil responder visto como cada qual tem o seu, definido a seu modo. Melhor será pôr a seguinte pergunta: o que deve ser o Ideal?

Antes de lhe dar a minha opinião, devo declarar que é uma verdade filosófica assente, que o homem é um composto de matéria e espírito. Quando digo verdade filosófica quero dizer verdade do domínio do pensamento; não experimental. As verdades experimentais, propriamente científicas, são a base das filosóficas. Note; há muitos pensadores, que ao contrário de Marden e Burst afirmam que só os factos positivos que dimanam das ciências experimentais, são dignos da atenção do homem. Tudo quanto vai fora disso não nos deve importar. Mas ponha o caso em si. Suba aí ao Ribeiro Frio, como felizmente tem feito. O que examina são factos positivos e na verdade ao alcance da razão. Mas depois de os ter observado, sentido, não se sente irresistivelmente levado a meditar, a pensar e a ir procurar a última causa de tamanhas maravilhas? Observa uma colmeia de abelhas, estuda a emigração das aves, lê a precisão das leis astronómicas — e não vai buscar com o pensamento, a última causa desses mistérios? Sim, vai. E vão também os que negam «the power of the thought».

Ora pois; temos então o homem assim definido: um composto de matéria e espírito, ou corpo e alma.

E sendo assim, não admira e é até muito natural que haja duas espécies de ideais no homem; o da matéria e o do espírito. O primeiro é o mais vulgar, o mais acessível e o que ocupa a maior parte das multidões e é também aquele que menos satisfaz o homem. Este não nos importa, visto como Você é já muito superior a ele. O seu ideal é solicitado pelas forças do espírito. Qual é então o elemento natural do espírito quando nós lhe facilitamos os movimentos? É a vontade da perfeição com a natural consequência do conhecimento próprio.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Boas notícias!

Quando o nosso coração vive uma grande alegria, quase ficamos manietados para exprimir o que nos vai na alma. É tão natural! Pois esta quinzena foi riquíssima de boas notícias. Não tem vindo dia ao mundo sem listas e listas de novos assinantes. E as cartas que acompanham este tesouro! Quão ricas de amor e carinho! Olhem para esta de Foscoa:

«Respondendo ao vosso apelo da Campanha de Assinaturas, é com a maior satisfação que venho dizer-vos que arranjei duas. É muito pouco para o que eu queria, mas sempre que possa não deixarei de continuar». Quantas no mesmo estilo e com a mesma satisfação! Oh «Gaiato», como geras tantos apaixonados! Como transformas tantas almas! E só por isso é que uma Professora da Póvoa de S. Miguel (Moura), não resiste a contaminar nas alunas a sua devoção. «Nós desejamos 3 jornais», diz a lista, subscrita por uma delas. Muito bem! E até este pormenor de personalidade nas crianças afirma quanto a Professora se alimenta e vive do Famoso.

O homem, nesta fase da vida, lança sobre si um olhar introspectivo, estuda-se, procura conhecer-se e trata de modificar e corrigir as suas faltas e, desta sorte, na vida natural e com o auxílio das forças naturais, pode o homem atingir uma grande perfeição. E chegou então à meta dos seus desejos? Tem porventura todas as suas aspirações realizadas? Não, e Você bem o sabe. Há ainda um vácuo, uma certa inquietação, um desejo vago, indefinido... Passemos agora à vida sobrenatural que é, como já disse, fazer tudo, ainda as acções mais insignificantes por consideração respeito e amor de Deus. Neste caso o desejo de perfeição é muito mais lato, visto como o modelo que pretendemos imitar é infinitamente mais perfeito do que a nossa consciência, por amor da qual agimos no primeiro caso. Por este caminho parece pois natural que o homem possa finalmente vir a tranquilizar as justas aspirações da alma. Pois não vem. Sabe o que sucede? O nosso desejo de perfeição é crescente, em atenção ao modelo que procuramos seguir. E à maneira que prosseguimos, dá-se a estranha circunstância de observarmos em nós grandes deficiências, de maneira que se dá o seguinte paradoxo: quanto mais lutamos para ser perfeitos mais imperfeições descobrimos; desejaríamos subir e logo verificamos que as asas não nos levantam. Eis o conhecimento sincero da nossa indigência, a base da humildade cristã e a necessidade da oração.

O Porto acordou! Já esperava isso mesmo. No Espelho da Moda — o nosso depósito — receberam-se muitos assinantes. De entre os quais convém destacar uma lista dactilografada com 17 deles. E quase todos engenheiros! Das que vieram pelo correio, uma delas a abarrótar, algumas são de amigos da primeira hora — e com dinheirinho à frente. Mas temos aqui uma carta a que não resistimos. Aí vai: «Prezados amigos. Em meu poder a vossa lista para novos assinantes, a qual remeto com as inscrições que me foi possível conseguir. Não reparem que sendo eu do Porto as mesmas sejam da Província, pois como sou viajante só assim as conseguí. De harmonia com a doutrina que a mesma contem, tive o cuidado de procurar pessoas capazes de cumprir». Sim, senhor! O Porto quando se apaixona vai de vento em pôpa! Repararam no «cuidado de procurar pessoas capazes de cumprir»? Isto é muito importante. Tanto, que em todas as Campanhas martelamos esta particularidade. Só nos interessa, verdadeiramente, quem aceite o compromisso da leitura e assinatura do jornal. De contrário, são peso morto. E o «Gaiato» é obra de vivos — e tem Vida.

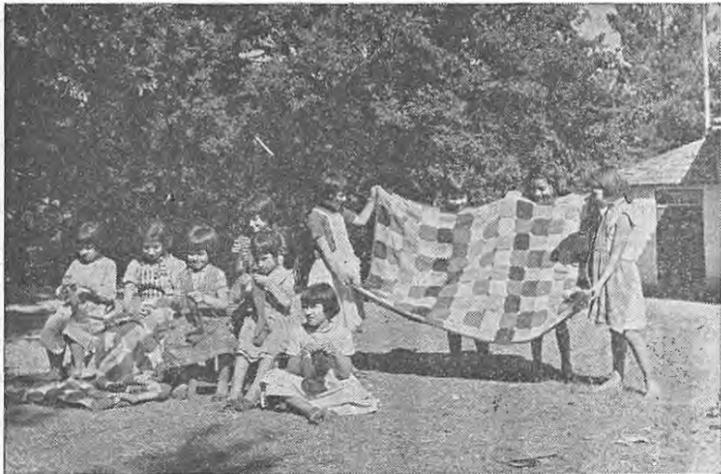
Lisboa mantém o ímpeto inicial. Graças a Deus! Entre o maço de listas da capital, 3 delas são cheias de fio a pavio! Uma é dos Funcionários do Instituto Nacional de Estatística, e inscreveram-se pelo seu punho a convite de um colega, supomos.

O despique Lisboa-Porto começa agora. Com o andar do tempo, o bairrismo de lisboetas e tripeiros vai dar muito que falar!

A província continua — e continuará, se Deus quiser — na mó de cima. O Senhor Padre Acílio, da nossa Casa de Setúbal, manda um cartão espumante e segue tal qual: «Aí vão duas listas das que você gosta. Não vá dizer que só aí pelo Norte é que se progride. Também cá no Sul o calor se vai comunicando». E com labaredas quentinhas, Senhor Padre Acílio! Não há dívida que as duas listas, pejudadas de assinantes do Barreiro e de Setúbal, calaram fundo no nosso coração. Já que estamos com as mãos no Sul, saibam os senhores que tivemos mais gente fresca de Vila Viçosa, Gavião, Fronteira, Amoreira-Gare, Colos, Faro, Portimão, Silves, Odemira e Ferragudo. O Sul caminha a passos de gigante!

Continuando a desfiar o mapa, temos a Livração com 6 deles, e um sacerdote à cabeça. Assim, sim! Covilhã uma com 7. Santo Tirso, com 3. Aveiro, 4. Vagos, 6. E mais de Trevões, Mourisca do Vouga, Benquerença, Sabugueiro, Figueiró dos Vinhos, S. Martinho de Recezinhos, Bairro

★ BELEM ★



Ficam tão lindas e quentinhas! Quem manda mais novelos de lã para fazermos uma para cada cama?

vem da página UM

caridade para com o próximo necessitado não há elevação nem salvação. E sem condições de vida humana não pode o miserável respeitar a sua dignidade de membro da grande família humana e de filho de Deus.

Em consequência, por que vias terão de chegar a «Belém» as dádivas do Pai do Céu? Pelos actos de caridade das almas bem formadas, daquelas que aceitam como verdadeira esta afirmação de S. Paulo: «A Fé sem obras é morta».

Vem aqui a propósito contar algo do que se vem passando em «Belém», desde o princípio.

No dia seguinte àquele em que saiu o primeiro apelo no jornal, chegou do Porto a primeira nota de 20\$00, mas em carta muito avinagrada. Creio que a nota não passou de pretexto para me darem aquela «ensinadela». Fiquei muito serena, graças a Deus! De resto, considerei que foi até um bom começo para quem não pretendia construir obra sua. No dia seguinte, nota igual, de Lisboa, acompanhada de um vestido. E os donativos começaram a chover dos mais variados pontos do País, satisfazendo as despesas feitas até

vésperas do Natal. Quando, em 22 de Dezembro, tomei conta da casa, de certa loja comercial vieram cá entregar um lote de 10 cobertores, que eu mandara pôr de parte havia mais de um mês. Dinheiro para os pagar não havia, mas no dia seguinte chegou o primeiro cheque, de Coimbra, que bastou exactamente para pagar a dívida — de mil escudos. No dia seguinte fiz uma compra de roupas de cama que importou em mil e quinhentos escudos e passadas vinte e quatro horas chegava o primeiro vale do Porto, com a quantia exacta para satisfazer mais esta dívida.

Foi assim no princípio e assim tem continuado a ser até hoje. Por isso eu permaneço cheia de fé no futuro de «Belém». Estamos a chegar a um ponto em que conseguir para a Obra instalações maiores e mais adequadas é uma questão de vida ou de morte. «Belém» vai ter, dentro em pouco, a necessidade premente de ajudas de maior vulto. E eu espero encontrar, por Deus, junto das entidades oficiais e dos particulares, tudo aquilo de que «Belém» necessita para se tornar instrumento salvador de grande número de raparigas pobres, sem lar nem pão.

«Todos os que esperam em Deus não serão confundidos». Bom Natal vos deseja,

Inês — Belém — Viseu





Uma Carta

Vem com o selo branco
daquela Junta de Freguesia

«Com os mais sinceros e respeitosos cumprimentos, vimos à presença de V. pedir encarecidamente o favor de ver se nos podia auxiliar com qualquer coisa para distribuímos no Natal ou Ano Novo pelas crianças e velhos mais necessitados desta freguesia, que infelizmente são bastantes—cerca de 48 famílias—, e presentemente em maior crise se encontram por ter chovido quase ininterruptamente há cerca de dois meses.

Ora, sendo os chefes de família todos humildes trabalhadores rurais, vivendo só do exíguo salário de 14\$00, desnecessário se torna dizer a V. a miséria já verificada nos seus pobres lares, mesmo ganhando os dias, quanto mais nada ganhando, como sucede à volta de dois meses.

Agradecemos o que pudesse ser como sendo: roupas de cama e de agasalho e calçado, géneros, ou qualquer subsídio em dinheiro, a fim de nos ajudar a proporcionar aos pobres um Natal melhor e mais alegre. Os artigos podem vir pelo

C. F. para a estação de... e o dinheiro por vale do correio, pagável nos C. T. T. do Pinhão que dista daqui a pouco.

Também era urgente ver se nos podiam subsidiar, pelo menos, para já, 3 pobres e numerosas famílias, além de cerca de mais 20, que vivem em lojas térreas amplas, como possilgas, além do mais, põe em perigo a moral das pobres crianças. Por exemplo: A. L. C., casado, com 8 filhos e mulher, vive numa das tais lojas. Tem 38 anos de idade. O filho mais velho 18 e o mais novo 1, só com 3 enxergas de palha. Outro é uma viúva com 9 filhos, o mais velho 18 e o mais novo, 6 meses. É uma desgraça tal situação. O A. L. C. se V. cedesse o subsídio de 5.000\$ faria uma casinha de blocos. E outros. E este, para já, é o mais necessitado, porque o dono da loja precisa dela, onde ele paga 20\$00 escudos de renda por mês, quer que ele saia à força e o pobre A. L. C. não tem para onde ir. Acudam a esta miséria por amor de Deus, que ele arranja o terreno e faz à casinha com os 5 contos que essa benemérita casa lhe der».

Velhos laços de muita amizade nos unem. Laços vindos da sua paternidade pelos nossos filhos, especialmente pelos vendedores de «O Gaiato», que são os mais necessitados dela em qualquer parte que vendam. Fui assistir à sua tomada de posse de juiz. Se o admirava e estimava muito, vim a querer-lhe ainda mais. As palavras que disse tomei-as como de uma explosão de uma alma quente.

Começou por considerar a criança no seu lugar. Não um réu sentado lá em baixo, mas um filho de Deus que deve ocupar um trono. A criança é um mistério. O julgamento de um menor é o destino de uma vida. Destino que se relaciona intimamente com o destino eterno. Daí a grande lei que tem de orientar o julgamento, que não pode ser outra senão a lei da Moral Cristã. A mesma lei que levou Pai Américo à doação total e que tem sido a norma da «Obra da Rua» nas suas Casas do Gaiato.

Esta Lei está no Evangelho. E aquele senhor Doutor pega n'Ele e apresenta-O a quem estava! Aquilo que fizeres ao mais pequenino dos meus irmãos, é a Mim. É a Jesus. É a Deus, Juiz de todos os juizes. Ai daquele que escandalizar um inocente! Mais lhe valia ao nascer ser lançado ao mar com a mó de um moinho presa ao pescoço.

A sala do Presidente da Relação estava cheia de ho-

TRIBUNA de Coimbra

mens de muita responsabilidade nos nossos tribunais. Como estamos tão afeitos a palavras vãs e incensações na nossa vida social, regressai dali radiante com a atitude tão cristã daquele Amigo.

A presença de Deus, o Evangelho e a Moral Cristã são a lei base de toda a vida humana.

Deus o ajude, Senhor Doutor.

*

Agora, sempre que nas minhas voltas pela cidade tenho uns momentos, passo pelas lojas deles. Regalo-me de os ver a atender os fregueses e ainda mais com as palavras delicadas que oiço. É bem certo o ditado do povo: quem meus filhos beija, minha boca adoça.

O Humberto comprou já em Outubro uma mercearia na rua das Azeiteiras. Agora foi o Machado que tomou conta do quiosque da Avenida Sá da Bandeira. Um e outro se sentem felizes e mais homens. Tiveram de pedir parte do dinheiro, pois, apesar das suas economias, ainda não tinham de seu o necessário. Levantam-se mais cedo, arranjam-se e partem logo. São responsáveis. Têm a carga às costas e sentem o peso.

Cada um deles vai fazer 24 anos e são nossos de pequeninos. Plantas terras

arrancadas e atiradas à lama das ruas e que Pai Américo recolheu e transplantou na sua Obra. Hoje são plantas a dar frutos e frutos bons. Há dias alguém, com muito contentamento, me dizia: que bom estes rapazes sérios e cristãos à frente de estabelecimentos!

Outra alegria deste mês foi o Carlos ir habitar a sua casa. Foi a mãe que à hora da morte o deixou como herança a Pai Américo. Casou há poucos anos e agora, com um esforço de gigante, ajudado um pouco pelo patrão e por nós, conseguiu fazer uma casa boa, às portas de Coimbra.

Estes casos são uma prova da vitalidade da «Obra da Rua». Que se alegrem conosco todos os portugueses e demos graças a Deus por mais estes testemunhos.

PADRE HORACIO

P. S. — Na véspera de Natal, às 14 horas, iremos aos Hospitais de Celas fazer o Natal dos Lázaros, como já fazemos há muitos anos. Acompanha-nos. E se não pudeses, faz-te representar pela tua oferta para os Irmãos doentes. Não te esqueças.

AUTO-CONSTRUÇÃO

Quanto tempo demorarão as casas a fazer? Não há prazos fixos. Há, sim, prazos desejáveis. Gostaríamos que demorassem nem muito mais nem muito menos de três ou quatro anos. E dizemos porque. A nossa época não se compadece com grandes demoras. É um mal? É um facto. E os factos terão sempre a sua eloquência.

Custa muito a manter um grupo unido para além dum prazo razoável de tempo. As circunstâncias, na hora presente, mudam com rapidez. E, mudando as circunstâncias, mudarão tam-

(Minho), S. João do Peso, Condeixa a Nova, S. Vicente da Beira, Trancoso e Celorico de Basto.

Finalmente, têm a palavra os portugueses de além-mar. Moçambique marca presença com assinantes de Lourenço Marques, Xai-Xai e Montepuez. Mais do Funchal, do Rio de Janeiro e Newark — U. S. A.. Os portugueses da América começaram. E quem dera que se entusiassem tanto como na última Campanha.

Júlio Mendes

bém as possibilidades. Uma mudança muito acentuada dessas circunstâncias concretas afectará os resultados, por melhor boa vontade que haja em contrário. Com o decorrer do tempo surgirão sempre dificuldades e complicações.

Por outro lado as nossas casas nunca poderão ser feitas muito depressa. É mesmo conveniente que a construção vá demorando. Os rapazes não sentirão tanto as dificuldades económicas. Sendo pobres, terão que ir ganhando para viver; ajudar, nalgumas circunstâncias pelo menos, os seus e, ao mesmo tempo, poderão tirar alguns dias no mês para os trabalhos. Esta circunstância é também de alto valor educativo, pois dá o valor da persistência, da força de vontade, da continuidade. Habituar-se-ão a saber esperar e, como diz o povo, a dar tempo ao tempo. Uma casa, mesmo construída de empreitada, não se faz nuns meses, pois será sempre uma obra séria, difícil, um empreendimento de valor na vida de qualquer pessoa. Assim a estimarão melhor depois; não haverá tão facilmente a tentação de a venderem.

Custou esforço, custou dinheiro, custou tempo. Ficará ali mais o coração, porque ficou lá muito sangue. O que não custa não vale. A pressa é inimiga da perfeição. E as casas têm de ficar grandes e, duma maneira muito particular, têm de ficar seguras. O que importa não será tanto fazerem-se casas depressa, mas irem-se fazendo muitas casas em diversas localidades. Auto-Construção deseja adaptar-se a diferentes regiões. A falta de habitações decentes é geral em toda a parte. Tudo quanto se faça para atenuar este estado de coisas será benévolo e, ao mesmo tempo, será insuficiente. A favor temos de contar com o efeito do bom exemplo e do bairrismo entre os grupos e mesmo entre as povoações. Este trabalho em grupo é, de sua própria natureza, público e não deixará de despertar o interesse nas terras vizinhas. Acreditamos ou não na força irresistível do bom exemplo?

Padre Fonseca

Visado pela
Comissão de Censura

Património dos Pobres

Em continuação do número anterior, aí vai mais uma série de placas com sua localização:

Estaleiros de S. Jacinto — S. Jacinto (Aveiro); Fábrica Cerâmica do Carvalho, Lda — Majamude; Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Ávila, Lda — Parede; Fábrica de Curtumes Guilherme A. O. Gama, Suc. — Ramalde; Fábricas Triunfo e seu Pessoal — Adémia (Coimbra); Famíliação — Vila Nova de Famalição; Família Cunha — Setúbal e Ramalde (Porto); Família Ferraz da Costa — Aldeia Nova de S. Bento; Família Miranda — Vale de Ferreiros (Rio Tinto); Família Soares — Ermesinde; Farmacêuticos — Cascais, Medelim, Murtosa, Pias, Mirandela, Póvoa de Varzim, Praia do Ribatejo e Redondo; Federação Nacional dos Produtores de Trigo — Arraiolos e Gueifães (Maia); Freguentadores do Café Chave d'Ouro, Porto — Carvalhosa (Paços de Ferreira); Funcionários Administrativos de Manica e Sofala — Paço de Sousa e Rans (Penafiel); Funcionários da Alfândega do Porto — Miragaia (Porto); Funcionários do Banco Espírito Santo — Aguas Santas; Funcionários da Câmara Municipal do Porto — Madalena; Funcionários da Companhia dos Diamantes de Angola, Dundo — Alminhas — Galegos (Penafiel); Funcionários dos C. T. T. de Lisboa — Fanhões; Funcionários dos C. T. T. do Porto — Carvalhido (Porto); Funcionários dos C. T. T. do 2.º Sector Telegráfico de Lisboa — Oeiras;

Funcionários da Direcção dos Serviços de Exploração dos C. T. T. (Restauradores — Lisboa) — Cascais; Funcionários da Hidráulica — S. Julião do Tojal; Funcionários dos Laboratórios de Engenharia Civil — Estremoz; Funcionários de Manica e Sofala — Alminhas — Galegos; Governador da Casa de Bragança — Vendas Novas; Futebol Clube do Porto — Alminhas — Galegos; Governador Civil do Porto — S. João da Foz do Douro; Governador Civil do Porto — Paredes; Graças a Deus — Beire; Grupo Cénico Zé Pereira — Rio Maior; Grupo dos Vinte e Um — Covilhã; Guarnição do Navio Hidrográfico Carvalho Araújo — Alfeizerão; H. I. C. A. — S. Gonçalo (Amarante); Habitantes do Bairro Marechal Carmona — Adémia (Coimbra); Homenagem a António A. Silva — Vale de Ferreiros (Rio Tinto); Homenagem ao Pai Américo — Vale de Ferreiros (Rio Tinto); Hospital Militar do Porto — Carvalhido (Porto); Hotel Francfort — Santa Justa — Cascais; Huila — Cabeça Santa (S. Miguel de Paredes); Imaculada Conceição, Filhas de Maria de Coimbra — Adémia (Coimbra); Importadores de Carvão, do Porto — Viseu; Inhambane — Purada de Todeia e Galegos; Inharrime — Outeiro (Galegos); Instituto Geográfico e Cadastral — Fanhões e Vialonga; Instituto Superior Técnico — Santo António do Tojal; Funcionários do Instituto de Vinho do Porto — Miragaia (Porto); Irene — Cascais; J. A. C. F. — S. Martinho do Campo (Valongo).

Continua



SETÚBAL

Desculpem. Concerteza já disseram ou pelo menos já se lembraram de dizer que os três estudantes se tinham esquecido de vós. Mas não, o trio não se esqueceu. Como toda a gente sabe, no dia 1 de Outubro começou o novo ano escolar, mas parece que o número de estudantes diminuiu. Portanto já sabem que houve chumbo e quem sabe se também lágrimas! Mas então vamos ao assunto mais importante: numa quinzena passada ia dentro de cada jornal um impresso da «Campanha de Assinaturas». Já sabem o que se lhes pede: que os utilizem no seu fim, porque sendo assim já não era preciso gastar uns bons bocados de pano nas sacas da venda.

Uma notícia triste: no último sábado de venda houve uma fuga para fora de nossa casa. Foi o Beja. Apanhou-se com o dinheiro dos jornais que tinha vendido e bateu asa. Mas os leitores concerteza já pensaram: Ah, mas o Beja também era estudante! Pois era, ele foi um dos que chumbou e não sei porque é que lhe veio esta tolice à cabeça! Só desejo que não vá para o mesmo de onde veio. Este ano somos apenas 9 estudantes, mas se Deus quiser para o ano teremos mais dois no estudo, que irão fazer as vezes do par de rapazes que se deixaram morrer com um chumbo na cabeça. Em Setúbal há muito trabalho e pouco dinheiro, o que nos faz muita falta porque estamos em obras e sem ele não podemos acabar e começar o Lar na cidade para os estudantes e os que se empregarem lá. Como sabeis, em nossa casa há muitas dificuldades. Por isso, a camioneta não pode andar sempre a caminho de Setúbal a levar os rapazes para cá e para lá e, como consequência, temos de andar muitas vezes a pé 8 quilómetros. Mas se os leitores quiserem ajudar-nos, dando alguns centavos para mais depressa começarmos com a construção do Lar. Para terminar, desejamos a todos felicidades e não se esqueçam dos pedidos feitos e de todos se despede o trio e até à próxima quinzena se Deus quiser.

Rouxinol

LAR DE COIMBRA

O ano lectivo de 1960-61 já vai um pouco adiantado. Em Miranda do Corvo começou a escola para os mais novos e em Coimbra as aulas para os nossos estudantes.

Ao principiar o novo ano lectivo, o Lar redobrou de vida e alegria, retomando portanto o seu movimento habitual.

Este ano formamos uma «troupe» valente (mas de bichos) pois somos ao todo onze: um no 2.º ano do Curso Geral de Enfermagem; dois no 2.º também da Escola Comercial Nocturna; dois no 2.º Liceal; três no 3.º, e um no 5.º e 7.º, e finalmente outros dois no 7.º ano, ao mesmo tempo finalistas do Curso do Magistério Primário. Todos estes, excepto os três primeiros, frequentam o Colégio «Pedro Nunes» (que daqui a pouco está transformado numa Casa do Gaiato).

Todos os leitores sabem quais são as maiores necessidades dos estudantes. Por isso será escusado pedir-vos livros, bem como todo o material escolar: estojos de desenho, lápis, borrachas, pastas, canetas... E, por falar em canetas, eu estou desarmado. Vamos a ver quem será o estimado leitor que me vai satisfazer.

Atenção, muita atenção porque estamos no Inverno e todos sabem as exigências que ele nos impõe e, principalmente, a todos os nossos Pobres. Portanto, os nossos amigos já podem começar a fazer e enviar às arcas, guarda-roupas, etc., e limpar-nos o que por lá encontrarem; e, não se preocupem com os modelos actuais da moda porque para nós tudo serve.

No fim de jantar, é hora de recreio. Contudo, nós temos de nos limitar a ouvir rádio por não termos jogos para nos divertirmos.

Temos uma boa (?) mesa de ping-pong, mas precisamos das raquetes e bolas. Já agora agradeço, em nome

da malta da Casa de Miranda, ao Senhor de Ermesinde que teve a gentileza de nos mandar das ditas. Disse que lhe pedíssemos sempre que precisássemos. Ora, assim é que nós gostamos de ouvir. Se não somos abusadores, pedimos-lhe, uma vez mais, que dê um jeitinho desta vez, aos ping-pongistas do nosso Lar.

Horácio

PAÇO DE SOUSA

DISCOS. — «Meus amigos Tenho 6 discos para vos enviar, 4 de 78 rotações, e 1 de 33 e outro de 45, todos bons, mas nenhum dos vossos cantores preferidos, no entanto de boa música, alguns deles de muito boa mesmo.

Mas, como vos mandar os mesmos? Pelo correio tenho muito medo que se partam, porque não têm cuidado nenhum! Como fazê-lo? Entrego aqui no Montepio ou na vossa Casa de Lisboa? Agradeço que me digam qual quer coisa no Jornal, em qualquer parte, porque o leio de fio a pavio. No caso de ter que os entregar aqui digam-me a morada por onde não a sei de cor, sim?»

Muito obrigado minha senhora pela lembrança e cá ficamos à espera dos discos que com tanta alegria nos ofereceu. Foi pena não ser dos tempos que tanto admiramos, mas tudo se há-de compôr, pois os outros leitores também podem dizer qualquer coisa a este respeito. É verdade, ou não? Pois claro que sim. Quem não gosta de ouvir o Luís Piçarra, Domingos Marques, Tomé de Barros Queirós, José António, Luís Mariano, Guilherme Kjolner e tantos mais? Pelo menos cá em casa há muitos aferrados e nós somos um deles. Portanto aqui fica mais uma vez o pedido e os agradecimentos a esta senhora de Lisboa.

Pode, se não é maçada demais, entregar na Rua dos Navegantes, 34-r/c, ali à Estrela.

NECESSIDADES. Quem tem necessidade é porque precisa de alguma coisa. Precisar é necessitar. Ora nós precisamos de uma caneta. A nossa já se foi e é preciso outra para a substituir, para não andarmos sempre «ao papel». Ora um jornalista (perdão, jornalista) desta categoria, não pode andar desarmado. Estão de acordo? Pois se sim, nós também. Portanto «chova»!

Sedonana e Sealbino. Consta que vieram ficar mais pertinho dos vossos gaiatos. É verdade? Já ouvimos piar qualquer coisa e isso é que era bom se fosse verdade. Pelo menos já são membros mui queridos desta tão numerosa família. Desde já ficam convidados a assistir à nossa Festa do Natal que este ano promete...

SE SILVA. Se Silvita. Então que é feito de si? Há tanto que não diz nada e já não podemos passar sem a sua amizade, portanto tem de andar sempre pertinho de nós. Entendido ou quê? Senão tuxamos-lhe as orelhas. Por aí está tudo em ordem? Tudo duro? Tem de ser, a vida não pode parar...

TELEVISÃO. Já cá está o aparelho e quatro vezes por semana, na sala de jogos, onde se mostra o bom gosto do Sepadre Carlos e quanto o Quim é jeitoso. Uma vez é para os grandes. Outra para os pequenos, que desta forma passam o tempo encantados da vida. Era uma lacuna que faltava preencher e desta feita, já não...

PATINS. São poucos os senhores que ainda se explicaram a este respeito e era bom que todos levantassem o dedo para que nos corações dos Gaiatos haja mais alegria e as horas de ócio sejam mais uma ocasião de sã e pura alegria. Nós também já experimentámos andar de patins e esmorrámos as nossas canelas, mas o caso não é para desanimar e, logo que pudermos, lá estamos batidos para sermos ás naquele desporto em que Portugal é campeão do mundo. O

EU bem queria que estas linhas fossem rubras e incandescentes, para traduzirem todo o fogo que arde no peito de quem as escreve. Vivo em brasas. Queimado pela aflição e amargura dos Pobres, com quem tenho topado ultimamente, e, sobretudo, oprimido pela incapacidade de lhes valer.

Quem é do Porto conhece a Foz. Ora, ele há ali meandros de miséria. Finda a Boavista é à direita. Salto um pequeno regato de água pantanosa, que ao oceano leva despejos da cidade, e deparo com a longa fila de barracas de pouca altura, muito tristes, como as vidas que ali se aninham. Em frente, grupos de crianças encharcadas na lama. Algumas trazem o rosto pálido. Sigo com cuidado pelo medo de me afundar no charco.



O primeiro grupo de moradias terminou. Agora redes de pesca esperam que o sol descubra. Não as estranho, pois que estamos a dois passos do mar. Entretanto, chego ao Bairro da Liberdade. Em vez de uma, são agora duas alas de barracas, muito chegadas, a perder de vista. A ruela estreita, que as separa, está coalhada de gente, que espêsinha a lama do caminho. Esta barraca vende hortaliça. Passos andados, a taberna aguarda fregueses. Aqui, encostado à porta 66, homem de meia idade, reflecte miséria, mas não parece esperar por ninguém.

«Ando em tratamento» — diz ele. Mas não. Foi observado e medicado, mais nada. «Deram-me esta receita. Não a aviei ainda, que não posso». Os Pobres vivem de assim. Não tenho coragem de deixar a receita nestas mãos angustiadas e prometo-lhe voltar muito em breve. Logo a uns metros, a

Sporting Clube da Tipografia precisa de padrinhos e padrinhas fortes para não ficar mal. Daqui um acenozinho para o Senhor Dr. Pereira da Silva, digmo director do Jornal do Sporting que nos visita todas as semanas. E não queremos ser os melhores e para isso, para que o Sporting seja mais Sporting e nós sportinguistas mais verdadeiros, o Senhor Doutor tem de dizer qualquer coisa. Vamos a ver...

Está a chegar o Natal. Os nossos Pobres. Os seus problemas. O Frio. O apertar do cinto. As casas sem telhas. As camas sem cobertores. O forno e a lareira que se não acendem, por este ano ser muito mau. O mau tempo levou com ele os produtos agrícolas e ai dos Pobres que vão sofrer as suas consequências. Por altura destas festas, é uma boa ocasião para tu, leitor amigo, ahrires o teu coração.

Os Rapazes do Grupo Cénico estão a ensaiar uma peça engraçada para essa noite ser mais alegre, em que esta família se sente mais forte porque mais unida. O Américo é que tem sido o grande animador e aqui lhe prestamos esta modesta homenagem! Parabéns ao Américo e obrigado a todos que com muito boa vontade e alegria colaboram!

Daniel

porta está franqueada e manda-me entrar. Rapaz de 25 anos encontra-se estendido na cama. Ao lado, a mulher com dois filhos. O leito é estreito. Isto é possível? Sim. Demais, isto é versão de tantas mansardas. Não posso negar o que os olhos espantados contemplam.

A minha mesa cêrtinha saltame ao pensamento. E com ela no espírito não posso falar. Calo-me. Iria mentir se falasse.

Mais uns passos, e dou com outro rapaz tocado. Novo ainda e já doente. Esta doença não olha a idades; aproveita

sobretudo a fraqueza. A vaga, há tanto tempo esperada, parece tardar.

As horas fogem quando ouvimos dramas desta natureza.

Saio daqui sem coragem para mais visitas, e derreado em face de tanta aflição. Perante os problemas alheios, que afinal são tão nossos, sinto incapacidade total. As necessidades são tamanhas que os braços cruzam-se impotentes. E a máguia ferra-se no peito.

Mas apesar de tudo gosto de ir aos Pobres! Preciso de ir aos Pobres para ser melhor. Nós temos necessidade deles. Não lhes podemos fazer nada? Podem eles ensinar-nos. Quanto dura têm para dizer? Quão dura é a vida dos Pobres! É preciso inquietação! Eles servem para nos acordar. É preciso consciência de que no mundo somos apenas irmãos! Ora, os Pobres abalam-nos, quando nos ditam como vive a irmandade humana. Por isso mesmo tu mais eu precisamos dos Pobres, muito mais do que eles de nós.

Padre Baptista



Os senhores que já nos conhecem, passem à frente. Desta vez falo para os novos. Andam a esta hora os meus Rapazes a escher as ruas da Baixa com o prego de «O Gaiato». Muitos, porque há muito ouvem falar e não conhecem; outros, apenas por curiosidade, não-de querer ler. Ainda outros, para não serem incomodados pela voz suplicante do vendedor, não-de tirar a mão do bolso e aceitar. Pois muito bem. Se todos os que passam e são abordados assim fizessem, seria óptimo. Mas há casos verdadeiramente a lamentar. Alguns da última vez ouviram palavras amargas como estas: «Tira para lá isso. O Padre Américo já morreu; isso é de Padres!!!»

Ora meus senhores, nem morreu o Pai Américo nem a sua Obra. Vai fazer 21 anos que ela começou e de dia para dia tem crescido, alargado e rejuvenescido. Ela é de Rapazes, para e pelos Rapazes. O seu fim é atingir plenamente a criança abandonada e fazer dela um homem útil. Ou o doente abandonado e ajudá-lo a sofrer apontando-lhe o Cristo Sofredor. Ou arrancar à imundície das barracas e choupanas famílias que vegetam e põ-las em casa nova onde há sol, conforto e alegria de viver. Cerca de mil e quinhentas casas do Património dos Pobres foram feitas depois da morte de Pai Américo. Muitas dezenas de rapazes saíram de nossas Casas prontos a enfrentar a vida com

decoro, equilíbrio e espírito cristão. Quase uma centena de doentes passou com esperança no alma o impulso de vida que leva à presença de Deus.

Muitos milhares enfim de pessoas conhecidas e desconhecidas fizeram das Casas do Gaiato o mimo da sua Caridade. Portanto a Obra continua de pé, porque Deus a quer, com evidentes sinais de protecção.

Por nossa parte continuamos a ser os predilectos e a fazer a nossa predilecção das crianças abandonadas, filhas da má vida; do Pobre, que quando entramos à porta da sua barraca é como se fosse o sol a entrar. O atractivo que a isso nos leva é o mesmo: o amor aos homens por amor de Deus. As circunstâncias em que fazemos as mesmas.

No bolso, às vezes, só o lenço com que limpamos o nariz aos mais pequeninos. E no peito um coração a arder pela sorte dos infelizes. Não temos outra ideia senão defender e educar a criança abandonada, levantar o Pobre desprezado e lançado na sargeta da estrada do progresso. E depois chamar em seu auxílio os que têm consciência recta.

Ora isto cheira a verdade e a vida. E à vida ninguém hoje pode fugir.

Lisboa anda cheia. Foi isso que me provocou a lançar os Rapazes da Rua nas ruas de Lisboa. O Gaiato não anda armado em revolucionário nem demagogo. Tem o tamanho e o fim de sempre: fazer entrar na alma de todos a preocupação pelos outros.

P. S. — Para a nossa máquina só vieram mais cinquenta angolares do assinante 28.938 de Sá da Bandeira, mais 400\$00 de A. F. de S. João do Peso. Padre José Maria

COLABORE NA

«Campanha de Assinaturas»